



Rhodes

Rhodes, em grego *Rhodos*, cidade da Turquia Asiatica, é a capital da ilha e do sandjak do seu nome. A ilha está situada no Mediterraneo, no limite Sueste do archipelago, junto da Costa sudoeste da Anatolia, da qual é separada por um canal de quatro legoas de largura. — A cidade está situada na costa nordeste da ilha entre o Cabo dos Moinhos e Camburno. Edificada em fórma de amphitheatro, sobre uma collina que no seu declivio chega ás bordas do mar, está rodeada dos antigos baluartes que os cavalleiros de S. João de Jerusalem levantáram, e que ainda hoje são muito fortes e flanqueados de altas torres. No interior da cidade as ruas são bastantemente largas, acceiadas e guarnecidas de passeios lateraes; as casas regulares e solidamente construidas, — algumas das quaes, na rua principal, têm ainda as armas dos cavalleiros christãos que as habitavam. O antigo palacio dos grão mestre da Ordem dos mencionados cavalleiros, residencia actual do Pacha, dá testemunho, no que ainda resta d'esse tempo, da magnificencia, esplendor e bom gosto dos cavalleiros christãos, e faz lastimar que uma parte do edificio esteja arruinada. A vasta e formosa igreja de S. João, e outra igreja tambem, foram convertidas em mesquitas. O grande hospital, onde outr'ora eram recebidos os doentes christãos de todas as partes do mundo, foi transformado em celleiro ou armazem de viveres. — Os cães, não muito largos, vestidos de bellas arvores, offerecem um passeio muito agradável. E' soberbo o porto, commodo e seguro, não porém tão fundo que admitta navios de grande porté: é dividido em duas partes por um molhe, sobre o qual foi edificada a torre quadrada que avulta na nossa estampa, e serve de pharol. O porto é estreitado na entrada, pelos rochedos coroados de dois fortes; dizendo os antigos historiadores que serviam aquelles de base ao famoso colosso de bronze,

por baixo do qual podiam passar os maiores navios.

Diremos duas palavras sobre a historia de Rhodes.

Rhodes, muito celebre entre as antigas cidades da Grecia, tornara-se poderosa pela marinha e pelo commercio. Mausolo, rei de Caria, apoderou-se d'ella á força de astucia e artificio; mas depois da sua morte sublevaram-se os habitantes contra Artemisa, sua mulher, — a qual mais tarde logrou subjugal-os de novo. Depois do reinado de Alexandre, espintou esta cidade o mundo com a sua magnificencia, despregando ella só o estandarte da independencia, e illustrando-se com feitos de guerra. Debalde pretendeu Demetrio Poliorcete apoderar-se d'ella; resistiu obstinada e valente, e obrigou a levantar o cerco, que lhe havia posto. A esse tempo era Rhodes muito maior do que a cidade actual, regularmente edificada, e ornada de templos, de porticos, de estatuas, de theatros e de diversas obras primas de pintura e de esculptura, — de que hoje não existem vestigios alguns. Ali foram cultivadas com grande exito as sciencias no tempo de Cesar e de Cicero, sendo muito frequentadas as suas escolas por quantos desejavam cultivar o espirito. Foi Rhodes o ultimo dos estados da Grecia, que se sujeitou aos romanos — e ainda esses conquistadores lhe conservaram a liberdade, até que Vespasiano a converteu em provincia romana. Na época da decadencia do imperio do Oriente, cahio Rhodes successivamente em poder dos Genovezes e dos Sarracenos. Em 1310 proporcionou retiro e abrigo aos cavalleiros da Ordem de S. João de Jerusalem, os quaes se distinguiram pela mais brilhante e tenaz resistencia aos imperadores ottomanos. Só em 1522 cederam aquelles denodados guerreiros ao poder da Turquia, depois de memoraveis assedios, o ultimo dos quaes foi posto pelo proprio impe-

rador ottomanô, Soliman 2.º, cognominado, o grande.

E' tristissimo este ultimo traço da historia de Rhodes, quando estava no poder dos christãos. Um escripto inglez, que a par de outro francez tenho á vista, contém estas graves expressões:

= Os principes da christandade, pensando provavelmente que era desesperada empresa (*it was hopeless attempt*) defender um pósto tão distante, abandonaram Rhodes á sua sorte. Os habitantes resistiram valentes, até que pela maior parte ficaram sepultados nas ruinas de suas fortificações. O grão mestre, Villiers de Lisle Adam, entrou em capitulação no mez de Dezembro do mesmo anno (1522), e evacuou Rhodes nos mais honrosos termos. Desde então permaneceu Rhodes como sendo uma provincia do imperio Turco. =

— Senão fôra necessario poupar espaço, neste semanario, para assumptos variados, teriamos grande satisfação em alongar a noticia de uma tão importante ilha. O que, porém, fica exposto é bastante a proposito da estampa que hoje offerecemos aos nossos leitores.

#### ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

##### V

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. *De l'espr. des lois*. XX 2º.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. *Dict. Gén. de la Pol. et. — Commerce*.

Destutt de Tracy, a quem é devido um commentário critico do *Espirito das Leis* de Montesquieu (1), estranha que o immortal publicista só falle do commercio externo, e nem uma só palavra diga do commercio interno. — parecendo assim, que não dá importancia alguma a este ultimo, quando aliás é elle summamente recommendavel.

Para justificar a sua estranheza, entra Destutt de Tracy em apreciações e desenvolvimentos, que, no meu conceito, formam uma das mais bellas páginas que hão sido escriptas na *Economia Política*.

O insigne commentador propõe-se a demonstrar que o commercio interno é ainda mais importante, do que o externo, maiormente para uma nação grande.

Com quanto a opinião geral estéja hoje muito mais esclarecida, em pontos de economia política, do que no tempo de Montesquieu, e seja devidamente apreciado o commercio interno, — é todavia curioso descer com Destutt de Tracy ás miudezas analyticas, a que este desceu, bem co-

mo ás engenhosas confrontações que apresenta. O seu interessante estudo encontra-se no meio de um extenso commentário, que raramente é lido hoje; e rasão é essa porque desejo arrancá-lo do esquecimento, vertendo-o fielmente em linguagem, para regalo dos leitores d'estas *Curiosidades*.

= Supponhâmos, diz Destutt de Tracy, estar a nação franceza só no mundo, ou circumdada de desertos impenetráveis. Tem ella porções de terrenos muito férteis em grãos; outras, mais humidas e só proprias para pastos; outras, formadas de colinas áridas, só accomodadas para a cultura da vinha; outras, finalmente, mais montanhosas, e que apenas podem produzir arvorêdo. Se cada um d'estes territórios estiver reduzido á si próprio... ¿que succederá? É claro que no território do trigo ainda poderá subsistir um povo numeroso, porque tem ao menos os meios de satisfazer com largueza á primeira de todas as necessidades, a alimentação. Mas esta necessidade não é unica; indispensavel se torna que a creatura humana se vista, se preserve das intempéries, etc. Força é pois que esse povo sacrifique ao arvorêdo, aos pastos, a ruins vinhas, muitas porções d'essas boas terras, que aliás em pequenas porções bastariam para lhe proporcionar, por meio de troca, o que lhe falta, e as restantes alimentariam ainda outros muitos homens. Dest'arte, esse povo não será nunca tão numeroso, como seria, se tivesse commercio, e de mais, carecerá de muitas cousas. Por força de maior rasão, é mais infeliz a situação do que habita as colinas, proprias para vinhas. Este ultimo, suppondo-se que tem indústria, só fabricará vinho para si, porque não tem a quem o venda. Faticar se ha em trabalhos ingratos, para fazer produzir as suas áridas colinas alguns ruins grãos, por não ter onde os compre: tudo o mais lhe faltará: a sua população, embóra ainda agrícola, será miseravel e escassa. Na região de pantanos e de prados, succederá ainda peor, por quanto o terreno é húmido de mais para trigo, e frio em demasia para arrôz: e consequencia é, que hade renunciar á cultura, limitar se a sér pastor, e até a sómente criar os animaes indispensaveis para o seu sustento. No que respeita ao território de arvorêdo, é evidente que ali só póde o povo viver de caça, tanto quanto se encontrarem animaes bravos, e ainda assim, sem ao menos cuidar de guardar as pèlles d'estes. — ¿e para que serviriam ellas? Tal seria o estado de França, supprimida que fôsse a correspondencia entre todas as suas partes componentes: metade selvagem, e a outra metade miseravel e mal provida do que é necessario para a subsistencia. =

Mas, para tornar mais saliente a importancia do commercio interno, não era bastante figurar a hypóthese de uma vasta região, solitária no mundo, ou circumdada de desertos impenetráveis: indispensavel pareceu a Destutt de Tracy, e com rasão, contrapôr áquelle quadro o do mesmo território, desembaraçado de todos os estórvos que impossibilitavam a communicacão e correspondencia de todas as fracções entre si, independentemente do contacto com os estrangeiros.

É esse o quadro que se ségue:

= «Supponhâmos agora, pelo contrario, a existencia de communicacão fácil e activa, indepen-

(1) *Commentaire sur l'Esprit des Lois de Montesquieu*. Paris. 1819

dente todavia de relações externas. Neste caso, a produção própria de cada cantão deixará de ser atalhada pela falta de saída para consumo, ou pela necessidade de empreender, a despeito das localidades, trabalhos ingrátissimos, aliás indispensáveis para acudir, bem ou mal, a precisões urgentes. O paiz de bom terreno produzirá trigo, tanto quanto couber no possível, e enviará para os paizes vinhateiros todas quantas porções poder vender. Ambos abastecerão o paiz que abunda em pastos: neste multiplicar-se-hão os animais na proporção da venda, — e os homens, na proporção das subsistências que essa venda subministrará: estes tres paizes reunidos alimentarão, até nas montanhas mais altas, os habitantes industriosos que lhes fornecem madeiras e metáes. Multiplicar-se-ha o linho e o canhamo no norte, afim de enviar têias para o meio dia, e este multiplicará as suas sédas e azeite para pagar aquelles géneros. Os menores cantinhos da terra serão aproveitados. Uma communa pedregosa fornecerá pederneiras ás outras que as não têm, e os habitantes viverão do producto d'aquella troca. Outra communa, assente em rochedos, mandará pedras de moínho a diversas provincias. Uma pequenina região arenosa produzirá rúiva para todas as tinturarias. Os campos, onde ha uma certa espécie de barro, enviá-lo-hão para todas as olarias. Os habitantes das costas, em podendo mandar para o interior o peixe salgado, occupar-se-hão incessantemente na pesca. O mesmo succederá a respeito do sal, dos alcalis, das plantas marinhas, das gomas, das arvores resinósas. Surgirão por toda a parte novas indústrias, não só pela troca das mercadorias, mas tambem pela communicacão de luzes, pois que, se um só paiz não produz tudo, tambem nenhum inventa tudo. Quando se estabelecem as communicacões, o que é conhecido em um logar passa a ser conhecido em toda a parte; e mais fácil é aprender, e ainda aperfeiçoar, do que inventar. Por outro lado é o próprio commercio quem inspira o desejo de inventar, — é a sua grande extensão, e só ella, quem torna possíveis muitas indústrias. As novas artes occupam uma multidão de pessoas, que vivem do seu trabalho, por isso que o dos seus vizinhos tornando-se mais lucrativo, dá quanto basta para o pagar. Eis aqui a França, ha pouco tão indigente, abastecida de população e de géneros, e por consequencia feliz e rica, sem contudo haver colhido o menor proveito dos estrangeiros. Tudo isto foi devido ao melhor emprego das vantagens de cada logar e das faculdades de cada individuo; e note-se, que, para a consecução de um tal resultado, é indifferente que este paiz seja rico em ouro e em prata, — porque se ali fôrem raros esses metáes, bastará uma pequena quantidade d'elles para pagar uma grande quantidade de mercadorias: havendo muito, maior porção será necessária, e n'isso está toda a differença: em ambos os casos a circulação effectuar-se-ha de ambos os modos. — Taes são os milagres do commercio interno » =

Não se pense, porém, que o próprio Destutt de Tracy tenha em menos conta o commercio externo. Se assim succedesse, poderíamos affoutamente asseverar que era destituído de bom juizo um homem, que entre os philosophos e os economistas gosa de bom nome.

No conceito do próprio Destutt de Tracy, que aliás encarece tão vivamente as excellencias do commercio interno, — no seu conceito, digo, o commercio externo, augmentando consideravelmente as proporções do trafico, e abastecendo consideravelmente o mercado, augmenta tambem a industria, e alarga a produção.

— Mas, por quanto mencionámos o illustre nome de Destutt de Tracy, tomámos nota de suas apreciações, e ainda nos artigos immediatos havemos de recordar as suas doutrinas: justo é que, embora muito ao correr da penna, tornemos conhecido — aos leitores que necessitarem de tal noticia — aquelle vulto.

Destutt de Tracy nasceu em França no dia 20 de julho de 1754. Quando surgiu a Revolução Franceza, e não obstante pertencer ás fileiras da nobreza, associou-se logo aos defensores da liberdade, e prestes estava a ir defender a causa da República nos campos da batalha, quando os tristes acontecimentos, de que a sua pátria foi o ensanguentado theatro, o movêram a ir viver no retiro da vida campestre com a sua família. Ali se entregava Tracy aos estudos das sciencias naturaes e da philosophia, quando se viu envolvido na proscripcão geral dos homens suspeitos nos fins do anno de 1792. Foi lançado em uma prisão, da qual somente saio em outubro de 1794; mas na prisão mesmo se consagrou ao estudo profundo da philosophia, traçando um systema propriamente seu, ao qual depois, no goso da liberdade, e no meio das docuras da familia, pôz o ultimo remate. As suas doutrinas philosophicas estão expostas nas obras seguintes: *Idéologie* (1801); *Grammaire* (1803); *Logique* (1805); *Traité de la volonté et de ses effets* (1815), que é ao mesmo tempo um bello tratado de economia politica; e, finalmente, um muito apreciavel *Commentario do Espirito das Leis de Montesquieu*, do qual extractámos a bellissima descripção do commercio interno, e havemos de ainda consultar nos artigos immediatos.

Destutt de Tracy foi membro do Instituto desde a creação d'este; membro da Commissão de Instrucção Pública; entrou no Senado Conservador em 1799, — na Academia Franceza em 1808, — e na Camara dos Pares em 1814, onde defendeu sempre os princípios constitucionaes. — Falleceu no anno de 1836, tendo de idade 82 annos.

Eis aqui os termos em que o sábio M. Mignet termina a *Noticia Histórica* relativa a Destutt de Tracy:

= M. de Tracy é do limitado número dos homens raros que offerecem o bello espectáculo de uma perfeita harmonia entre a intelligencia e o caracter, entre a rasão e o procedimento. Obrou como pensava, e a sua vida foi o reflexo puro de uma longa idéa. No decurso de oitenta e dois annos teve sempre o mesmo amor da liberdade, a mesma fé da verdade; marchou corajoso pelo caminho direito, onde de principio entrára, sem outra nenhuma ambição mais do que a de vér o triumpho da rasão, e feliz a humanidade. Tendo feito parte da nobreza generosa que havia cooperado para uma revolução de egualdade; não querendo deixar o solo da patria nos momentos do extremo perigo; sem temor na prisão; sem fraqueza no senado; nos seus livros, inspirado pelo desejo de ser útil; no meio da fa-

milia affectuoso; com os seus amigos, dedicado nas suas acções, irreprehensível: foi M. de Tracy um grande philosopho, um excellente cidadão, e um homem de bem = (2)

— Em presença d'este magnifico epílogo da vida de um homem illustre e de um notavel pensador, não creio que desagrade aos leitores a digressão que fizemos.

No artigo immediato voltaremos ás considerações relativas ao commercio.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Lista dos prefixos e seu valor, importados da lingua latina e admittidos como radicacs de muitos termos da nossa.

### OPINIÃO DE E. BARRAULT

#### Observações geraes

Chamam-se *prefixos* as particulas (ordinariamente preposições) que se acham collocadas no começo de um certo numero de palavras e que servem de modificar a sua significação.

Contam-se vinte e sete d'estes prefixos: *ab, ad, amb, ante, circum, com (con), de, dis, ex, in, inter, intro, ne (nec), ob, per, post, pre (præ), preter (præter), pro (por, pol), re, se, sub, subter, super, sus, trans (tra), ve.*

Qual o valor de cada uma d'estas particulas? de que maneira modificam ellas o sentido da palavra a que é anteposta? É o que nos propomos examinar d'aqui em diante. Mas antes de tratarmos de cada uma d'ellas em particular, julgamos util estabelecer alguns principios geraes sobre esta materia.

As palavras, em cujo começo se colloca alguma das ditas particulas, e que das mesmas se tornam uma parte integrante, são, em geral, verbos e adjectivos, ou, o que quer dizer o mesmo, termos destinados a exprimir acções e estados, qualidade ou maneiras de ser.

Ora estes termos apresentavam, pela maior parte, a acção ou a qualidade de uma maneira geral e abstracta, e tratava-se de fazer passar esta ideia por uma modificação mais ou menos forte, de a augmentar ou diminuir e até de a negar algumas vezes; de lhe ajuntar uma outra ideia accessoria de elogio ou de censura; de lhe apresentar uma acção rapida ou lenta, ou antes como se estivesse sómente no seu começo, acabada ou chegando progressivamente ao seu termo, mas, em todos os casos, circumscripta nos mais estreitos limites, e, por conseguinte, mais especial e até algumas vezes particularisada a ponto de se fazer d'ella um termo tecnico proprio a tal sciencia, a tal arte, a tal mister, etc.

Crear termos novos, para representar estas ideias assim modificadas fora augmentar o seu numero até ao infinito; ajuntar adverbios ou complementos indirectos, fora estar em desacordo com o character synthetico das linguas portugueza e latina.

Mas havia uma especie de palavras que tinha por funcção exprimir as relações de logar, de

tempo, de repouso, ou de movimento, de posição dos objectos, uns a respeito dos outros, etc.: era a proposição, e com sentidos tão variados, ella se prestava admiravelmente a este uso.

Estas considerações, que podemos estabelecer *a priori*, acham-se em perfeita concordancia com os factos, taes como naturalmente se cumprem, em virtude das leis que regem as operações da intelligencia humana, e taes como foram constata-dos *a posteriori* pelos grammaticos. Podemos pois, relativamente á differença das palavras simples e das palavras compostas, estabelecer, como já o fez M. Lafaye, as regras geraes seguintes:

1.º A palavra simples exprime antes a ideia common, tal como é em si, original, essencialmente, emprega-se antes no sentido proprio; em quanto que a composta presta-se mais ás accepções remotas, menos usadas, aos sentidos figurados.

2.º A palavra simples toma-se n'um sentido geral e abstracto, isto é, independente de toda a relação, de toda a ideia accessoria; em quanto que a composta tem mais aptidão a receber um destino particular, uma accepção especial, a tornar-se enfim um termo tecnico. Em outros termos, a acção expressa pelo verbo simples está para a acção expressa pelo verbo composto como o *genero* está para a *especie*, ou, o que vale o mesmo, o primeiro tem mais *extensão*, o segundo mais *comprehensão*. (1)

3.º A palavra simples é mais uma expressão absoluta e abstracta, presentando a acção como ella se faz ordinariamente; a composta uma expressão relativa e concreta, presentando a acção com um character particular: relativa ao sujeito que ella representa algumas vezes como desinvolvendo actividade, zelo, cuidado, precaução; relativa á acção que ella representa como notavel sob um certo ponto de vista, etc.

Finalmente, será bom notar tambem que a preposição nem sempre exerce uma igual influencia sobre a palavra a que se allia; que, em certos casos, o sentido da palavra simples fica predominante em quanto que, em outros casos, quasi se extingue diante da preposição.

(Continúa)

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

(1) As palavras *extensão* e *comprehensão* applicam-se mais particularmente aos nomes appellativos.

O numero das ideias parciaes comprehendidas em um nome appellativo forma a *comprehensão*. Ella é tanto maior quanto maior o numero de ideias que comprehende.

O numero dos individuos ou das classes de seres comprehendidos na significação de um nome appellativo forma a *extensão* d'esse nome. Ella é tanto maior quanto maior o numero dos que comprehende.

A palavra *ser*, por exemplo, tem muita extensão, porque esta denominação abraça todas as substancias que existem e cujo numero é infinito; mas, em compensação, tem pouca comprehensão, pois que não designa as substancias ás quaes se applica senão pela unica ideia de existencia. A palavra *desleixo* comprehende mais ideias parciaes que a palavra *vicio*, e tem menos extensão que esta ultima palavra que se estende á preguiça, ao orgulho, á gula, á colera etc. Da mesma maneira, o verbo *fazer*, que designa as acções de toda a especie, tem uma grande extensão, em quanto que a palavra *escrever*, que só designa uma acção de uma certa especie tem-na muito menor; mas, em troca, *escrever*, que comprehende mais ideias parciaes que *fazer*, tem mais comprehensão que ella.

Vê-se por isto que quanto maior é a comprehensão de uma palavra, tanto menor é a sua extensão, e reciprocamente.

(Princíp. de Gram. génér. de Sylv. de Sacy, cap. IV.)

(1) *Portraits et Notices Historiques et Littéraires par M. Miguel.*



Vista do interior da igreja de S. Filippe de Nery, em Napoles

A capital do reino das Duas Sicilias é a estância mais agradável que pôde imaginar-se, e passa, com razão, por ser a terceira cidade da Europa. Um clima temperado, posição excellente, grande fertilidade nos campos, belleza dos arredores, alegria do povo, magnificencia dos poderosos, tudo contribue para ali attrair, de todos os pontos, um grande numero de estrangeiros. Esta metropole apresenta um aspecto soberbo: nada pôde imaginar-se de mais singular a todos os respeito,

que a vista d'esta cidade, de qualquer lado que se veja. Mas pôde assegurar-se tambem que não ha em Napoles, strictamente fallando, um unico edificio que seja perfeito no gosto: entre mais de duzentas igrejas não ha uma só que tenha a fachada ou portico digno de ser notado. Em lugar de edificarem templos seguindo boas architecturas, preferiam ornar o interior profusamente de quadros e douraduras. Entre as igrejas mais notaveis citaremos a cathedral, dedicada a S. Ja-

neiro, construída sob o desenho de Nicolas Pisan, e a igreja de S. Filipe de Nery, notável pelas magníficas columnas de granito antigo, que sustentam a nave, e muito rica em pinturas de grande estima. (Vide a gravura.)

A architectura dos palacios de Napoles não é de melhor gosto que a das egrejas. As casas e os palacios, em geral, são de cinco a seis andares, negros e maltratados exteriormente; os telhados são quasi todos planos e de pouzzolana. O amator que procurar n'estes edificios o gosto da boa architectura, apereber-se ha facilmente que está longe de achar n'esta cidade as proporções e a magnificencia dos palacios de Roma.

A origem de Napoles perde-se nas fabulas da antiguidade. O seu primeiro nome foi *Parthenope*, e attribue-se geralmente a sua fundação a uma colonia grega. Supportou, em differentes épocas, a guerra, terremotos e erupções do Vesuvio; mas é, sem contestação, mais rica, mais populosa, e mais florescente, sob todos os respeitos, que não era d'antes. No anno 536, Belisario, general romano, tomou-a depois de um penoso assedio. No anno 542, Totila reduzio a guarnição pela fome. Sicon IV, tomou-a em 818; o imperador Conrado forçou-a a capitular em 1258; Alphonso, rei de Aragão, tomou-a de assalto em 1442; e em 1503, Gonzalve, sob as ordens de Ferdinand, rei de Castella e Aragão, assenhoriou-se da cidade depois de ter minado e feito ir pelos ares os seus dois castellos, onde se tinha reunido toda a guarnição. Em janeiro de 1799 foi Napoles occupada, pela primeira vez, pelos francezes; foi evacuada em junho seguinte, e governada então pelos seus proprios soberanos, até o comêço da liga de 1805, em que, infelizmente, tomou parte, e foi novamente occupada pelos francezes em 1806. José Bonaparte, pouco tempo depois, foi ali proclamado rei; e em 1808, tendo este soberano subido ao throno de Hespanha, foi a corôa de Napoles conferida a Murat.

Depois da derrota dos napolitanos pelos austriacos, em 1815, Napoles foi occupada primeiro pelos inglezes, e finalmente, a 17 de junho, o rei Ferdinand, depois de uma ausencia de nove annos, entrou de novo na sua capital. \* \* \*

## OS ANNOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 207)

### XI

#### Reconciliação

«AMIGO QUERIDO. — Raiou emfim a luz nas minhas trevas! Fez-se dia na minha alma; dia de sol esplendido, abrasador, vivificante! Foi longa a minha noite! Vivi quasi seis mezes na escuridão, como os habitadores da Laponia; senti o frio dos gelos accumulados por tanto tempo em torno do meu espirito e hybernei como os ursos dos polos, alimentando-me da propria substancia do meu sentimento. Por fim despertou o arrebol, após tão longa noite: o fogo do sentimento desentorpeceu-me o coração enregelado... e revivi.

«Não sei exprimir-te bem a impressão do que senti n'este chamamento á vida. Figura um cataleptico, que baixasse á cova, sentindo á envolvel-o em vida o gelado sudario da morte, e a quem mão piedosa de amante desvela la viesse quebrar o selo da lousa tumular para dizer-lhe

ainda o derradeiro adeus, trazendo-lhe a vida n'essa, extrema prova de affecto! Eis o que eu experimentei ao contacto de Clementina, que veiu com todo o fervor do seu coração de mulher evocar-me para a vida, de dentro da sepultura onde me encerrava com as minhas saudades.

«Os dias suavemente melancolicos do outono casavám-se maravilhosamente com o estado do meu espirito; aquelles como que brandos suspiros exhalados das folhas seccas ao caírem no chão, sedento das primeiras agoas do inverno, harmonisava com os gemidos, que se me expandiam do intimo, ao arrancar cada nova esperanza do coração sequioso do refrigerio de um sentimento.

«Minha avó demorára-se na sua casa de Bemfica por mais tempo do que o consuetudinario, e as manhãs frias de outubro ainda encontraram a boa velhinha divagando pelas quintas circumvisinhas, de que ella conhecia uma por uma as arvores, os monchões de verdura, as alamedas, os kiosques, os parques, as flores e os caramanchões!

«Clementina, que passára a estação em Cintra, voltára a Lisboa, e d'ahi, ausente do marido, que os cuidados da sua casa chamaram a Torres-vedras, nasceu-lhe o capricho de ir habitar os derradeiros dias do formoso outono na vivenda de Campolide, que abandonára desde o nosso rompimento.

«Aquella casa, para cujo jardim eu arremesára o primeiro ramo de violetas em cujo seio escondera a confidencia da minha alma, devia influir no espirito caprichoso d'aquella mulher. A carta de uma amiga e confidente, que de longe recebeu, acabou, como ao depois soube, por estimular-lhe o espirito.

«Corria já alta a manhã; eu estava debruçado sobre um tanque, namorando os peixinhos encarnados, que em caprichosas e inconstantes voltas percorriam o estreito ambito do frio elemento em que viviam. E eu invejava a existencia placida, monotona, gelada, d'aquelles seres privados pela mão benefica do creador do desenvolvimento cerebral que gera a intelligencia, e do calor do sangue que estimula os sentimentos.

«Um pé ligeiro, fazendo ranger suavemente as folhas seccas da alameda, veiu despertar-me do meu extasi, deixando-me paralyzado e immovel sem animo de volver a cabeça a contemplar o vulto cuja approximação eu presentia. D'esta magnetica immobilidade despertou-me em sobresalto um leve roçar de dedos no meu hombro, e a articulação de uns sons, que me feriram o tympano como musica de anjos:

— «Em que pensa, Ernesto, que tão embevecido está nas abstracções do seu meditar?

— «Eu!... Ah! Clementina!... Minha senhora!

«Desde a exaltação da creança até á fria polidez do homem de sociedade todos os tons haviam accentuado aquella phrase que eu balbuiciára mal distincta.

— «Vim interrompel-o! Vê. Fui importuna...

— «Ao contrario, minha senhora, a sua approximação não podia ser-me senão agradavel; mas tão longe estava de a esperar, que a surpresa é bem natural!

— «Ora vamos, Ernesto! deixemos essas phra-

ses ceremoniosas, que destoam do seu espirito, e d'aquella adoravel franqueza que sempre o caracterizou. Diga sem reboço: estimou ou sentiu esta surpresa?

«E Clementina, com aquelle elegante desembaraço de mulher da grande sociedade, sentou-se ao meu lado, nem tão perto que parecesse querer-me acariciar humilde, nem tão distante que mostrasse querer-me evitar o contacto.

— «Que hei de eu dizer-lhe, minha senhora? Tudo quanto se passou entre nós foi tão extraordinario e imprevisito que o sobresalto da minha alma tolhe-me a coherencia das idéas.

— «Tem razão, Ernesto: deve ter formado de mim um juizo... que nem pôde talvez definir... e que nem eu quero conceber! As almas muito impressionaveis tem d'estas inconsequencias, e eu devia-lhe pelo menos o balsamo da amizade.

— «Que me devia, Clementina? que podia dever a mim, a quem uma immerecida ventura elevava um dia aos seus olhos, para n'outro dia, sem culpa mais que o meu demerito, ser fulminado pelos raios da sua indifferença... do seu desdem!?

— Fui leviana na condemnação de um affecto que eu auctorisára, Ernesto; concordo... Mas offereci-lhe na provação a minha amizade... e se eu não corri sollicita a amparal-o com ella, tambem não a procurou jámais.

— «É que em casos taes, minha senhora, a amizade é um escarneo para o sentimento primitivo, que o coração repelle. De tantas vezes que mortos amores tem legado em testamento promessas de amizade,—não consta que nem uma só vez no mundo um dos corações feridos pelo golpe viesse addir a herança. Era á dor da viuvez juntar um ultrage!

— «Visto isso não pôde entre nós mais haver um laço de amizade! ? E, condemnado o amor, havemos de ser indifferentes sempre um ao outro?

— «Resta o respeito que lhe dedico, e a saudade de um dulcissimo passado, que v. ex.<sup>o</sup> representa para mim.

— «Ernesto!

— «Clementina!

«Estas duas quasi simultaneas exclamações, desafinando do tom sempre falso de todo o nosso dialogo, tiveram origem n'um impeto com que aquella mulher fascinadora, não podendo domar o coração, me tomára as mãos ambas e me embriagára com os effluvios magneticos que emanavam de seus olhos languidos e voluptuosos!

«Succede sempre assim, quando por alguns instantes se cruzam os raios de dois olhares, que uma vez já na vida se haviam encontrado, trocando um reciproco amor. Em casos taes:

«*La masque tombe et le héros s'évanouit.*»

«O seguimento do nosso colloquio, meu amigo, deixa-me que fique envolto nas prégas do mysterio. Nem saberia referir-t'o aqui, nem ousaria, reproduzindo-o, profanar as deliciosas mas vagas e indefinidas impressões, que d'elle me ficaram.

«Sei só que, ao dia seguinte, despertava como o naufrago, que, após noite tormentosa, passada em lucta com o oceano indomito, encontra porto amigo e desperta ao arraiar da aurora seguinte, pensando nos escarceus que lhe ameaçaram, na

vespera, a existencia, e ouvindo apenas ao longe os derradeiros rugidos do leão das ondas, inquieto ainda no seu carcere de rochedos.

«Agora creio e espero: vejo os horisontes da vida cor de rosa, e, se tenho o coração a transbordar de amor, não suffoca este sentimento a inabalavel amizade que te dedica o teu—*Ernesto.*»

(Continua)

C. B.

## PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

(Continuado de pag. 207)

### II

A Hespanha chegára, quando Henrique IV subio ao throno, a um grão de poderio e de grandeza a que nenhuma outra nação pôde posteriormente allingir, e que levou o seu rei, Philippe II, quasi á realisacão d'esse sonho constante de tantos ambiciosos — a monarchia universal. A abdicacão de Carlos V arrancára da frente do rei de Hespanha a corò imperial allemã; debalde o grande monarcha, antes de abdicar e mesmo depois de residir em S. Justo, onde o seu espirito irrequieto não encontrou, como por algum tempo erradamente se suppoz, a paz que dizia ambicionar, debalde elle procurou levar seu irmão Fernando a assegurar a Philippe II a herança do diadema imperial da Allemanha; Fernando teimou em conservar a corò aos seus herdeiros directos, obstinaçào em que o appoiavam os subditos do imperio, pouco desejosos de reconhecerem a soberania de Philippe II e de estarem de novo sujeitos ao rei d'uma tão distante monarchia. Mas essa perda compensára-a Philippe II amplamente com o senhorio de Portugal e dos seus vastos dominios, que as suas intrigas, mais do que a força das suas armas, lhe entregaram.

A monarchia hespanhola, tal como era quando Henrique IV subio ao throno de França, abrangia nas cinco partes do mundo os seguintes territorios:

Na Europa toda a peninsula hispanica, desde os Pyreneus até ao estreito de Gibraltar, desde a foz do Tejo ao Mediterraneo; uma grande porção da Italia, quer dizer o que depois constituiu o reino das Duas-Sicilias, a Sardenha e a Lombardia; ao norte as dezete provincias dos Paizes-Baixos, isto é o que hoje fórma os reinos da Hollanda e a Belgica, e uma porção das provincias septentrionaes da França. É verdade que a sublevaçào semi-religiosa, semi-politica dos flamengos e hollandezes, sublevaçào tenaz e quasi victoriosa, poucas esperanças dava a Philippe II de poder conservar na sua integridade o magnifico apanagio da corò ducal de Borgonha, que lhe pertencia como descendente directo de Carlos o Temerario, seu trisavô por Maria de Borgonha, mulher do bisavô de Maximiliano.

Na Africa possuia a monarchia hespanhola todos os vastos territorios que a espada dos nossos soldados e a audacia dos nossos navegadores tinham conquistado para a corò portugueza, e que, pelo desastre de Alcacer-Kibir e por todos os acontecimentos desastrosos que se lhe seguiram, ti-

nham ido cair nas garras do tigre do Escorial. Eram as praças de Marrocos, cimentadas pelo sangue portuguez, ganhas pelo valor de D. João I e D. Afonso V, conservadas pela heroicidade dos nossos fronteireros, Ceuta, Tanger, Mazagão etc.; era todo o littoral occidental e oriental da vasta peninsula africana, d'esse immenso promontorio, que, partindo do Mediterraneo, vaé rasgar as ondas do Oceano meridional com a tempestuosa prôa do Cabo da Boa Esperança; eram ainda os archipelagos semeados pelas vagas ao longo d'essas costas que o sol requieima, Açores, Madeira, Cabo-Verde, Canarias, S. Thomé e Príncipe, Santa Helena, Tristão da Cunha, e quantos mais ainda! Aqui dominava só.

Na Asia era a India, eram os archipelagos orientaes, eram as ilhas do golpho persico, tratos de terreno na Indo-China, um estabelecimento nascente no vasto imperio do Meio.

A America era toda sua de norte a sul. Em sitio onde houvesse poisado o pé d'um europeu tremulava a bandeira de Philippe II.

A Oceania tambem lhe pertencia. Ainda nenhuma nação europea ousára rivalisar com as nações occidentaes, cujos navegadores tinham a gloria descoberto mundos novos. Parecia que os prodigios executados por esses heroes no espaço de dois seculos tinham tido por unico fim tornar inexcelsivelmente esplendido o diadema do filho do imperador Carlos V.

Nunca principe algum estivera tão proximo da monarchia universal: Carlos V chegara a sonhar seriamente, não para si, mas para seu filho, esse devaneo magnifico e perigoso. Quizera, como vimos, aplanar-lhe o caminho para o solio imperial, e, por incriveis prodigios de diplomacia, conseguira assegurar-lhe a corôa de Inglaterra, casando-o com a rainha Maria Tudor, a segunda das suas quatro esposas. Mas o throno da Germania esquivara-se-lhe pela obstinação dos allemães e do imperador Fernando: a esperanza de reinar na Inglaterra expirara quando expirou a rainha Maria, sem deixar filhos, indo a corôa poisar na cabeça de sua irmã a celebre Isabel. Um outro plano de Carlos V, plano ja formado por elle no convento de S. Justo, que communicara a sua filha a rainha D. Catharina, regente de Portugal na menoridade de D. Sebastião, e de que foi confidente e devia ser agente o geral dos jesuitas Francisco de Borja, que a Igreja canonizou, esse plano, que era o da conquista de Portugal, conseguiu D. Philippe realisar-o. Foi uma compensação das esperanças malogradas. Sem ser monarchia universal, a monarchia hespanhola era uma nação monstruosa que desequilibrava a Europa, e exercia na politica do mundo uma preponderancia irresistivel.

Mas para que essa preponderancia fosse inabalavel, para que essa massa enorme de nações se não desequilibrasse tambem, para que se conservasse cimentada essa agglomeração de povos feita quasi ao acaso, que prodigios de habilidade não eram necessarios, que de condescendencias, que

de atenções, que escrupulo em manter inalteravel o fiel da balança, em não sacrificar os interesses d'um povo a outro povo, em não offender as liberdades locais, em respeitar aqui as tradições e alem as aspirações! D. Philippe, tão habil no manejo das intrigas de gabinete, e nas manhas da diplomacia, era incapaz de comprehender esta politica de vistas largas. Entendeu que o modo unico de imperar era sujeitando a um despotismo uniforme essa agglomeração tumultuosa de diversas raças e de povos diversos. Julgou que se atrophava um mundo como se atrophava uma nação, que, subjugando os corpos com o despotismo baseado na força, as almas com o fanatismo, dominaria elle só n'esse vasto cemiterio. Não succedia assim; Philippe II violava aqui na nossa patria a consciencia nacional, e tinha os portuguezes inquietos, palpitantes, anciosos por sacudir o jago: violava nos Paizes-Baixos a consciencia religiosa, e tinha a Hollanda revolucionada sem esperanza de a vencer, e Flandres quasi domada mas ainda toda em fogo. E apesar d'isso não percebia a impossibilidade de suffocar essas revoluções, esses descontentamentos: redobrava de vigor, redobrava de violencia, inundava de sangue os campos belgas, aticava em Hespanha as fogueiras inquisitoriaes, levantava os cadafalsos nas praças publicas de Lisboa, e, estendendo a mão ao papa, dizia-lhe: «Pertence-aos a nós ambos o mundo.»

Foi em presença d'esta formidavel potencia que se achou Henrique IV quando subio ao throno. Que papel lhe cumpria desempenhar para que tambem tivesse influencia na Europa, para se não curvar diante do colosso que exercia no mundo uma soberania quasi incontestada?

Continua

M. PINHEIRO CHAGAS.

## PENSAMENTOS

A cidade melhor policiada é aquella cujos habitantes são tão unidos, que cada um d'elles olha as injurias feitas aos outros como se fosse pessoalmente offendido.

SOLON.

Não desejeis nunca o impossivel, e olhae como impossivel o que é injusto.

CILIX (de Lacedemonia.)

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que d'isto sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa des interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1.00 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

**As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:**

Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, ao reser-se ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vienna, em todas as mais.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.